

## EDUCAÇÃO EM MUSEUS, CRIAÇÕES E PRÁTICAS EM DOIS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS DA UFPEL

*EDUCATION IN MUSEUMS,  
CREATIONS AND PRACTICES AT TWO UFPEL UNIVERSITY MUSEUMS*

**Carla Rodrigues Gastaud** - Doutora em Educação. Professora Associada do Curso de Bacharelado em Museologia e do PPGMP - Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: museu, educação em museus, narrativas, escritas de si e cultura escrita. Coordena o Laboratório de Educação para o Patrimônio do Curso de Museologia da UFPel. E-mail: [crgastaud@gmail.com](mailto:crgastaud@gmail.com)

**Danilo Amparo Rangel** - Bacharel em Museologia. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Pelotas. Tem interesse em processos de comunicação em museus dedicados a memórias difíceis. Bolsista CAPES. E-mail: [damparodani@gmail.com](mailto:damparodani@gmail.com)

**Carolina Gomes Nogueira** - Bacharela em Museologia. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Pelotas. Tem interesse no campo dos museus de memória, na formação dos museus de memória, nos direitos humanos e no turismo. Bolsista CAPES. E-mail: [nogueiracarolina1996@gmail.com](mailto:nogueiracarolina1996@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a criação e a prática de duas ações educativas para dois museus universitários, com tipologias diferentes, sendo eles o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e o Museu do Doce. Neste sentido, discutem-se as interfaces de um processo criativo desenvolvido com o intuito de ser uma atividade educativa para museus, portanto fez-se necessário refletir sobre teorias acerca da educação museal. Como metodologia utilizou-se a revisão bibliográfica, entrevistas com os agentes das instituições participantes, práticas de experimentação e debates em sala de aula. Ambos os projetos foram realizados em sua totalidade, envolvendo cerca de oitenta jovens de diferentes instituições. Possibilitando assim uma ampliação da atuação dos museus envolvidos, bem como o diálogo com públicos muitas vezes distantes destes.

**Palavras-chave:** Museus universitários. Educação em museus.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the creation and practice of two educational actions for two university museums, with different typologies, namely the Leopoldo Gotuzzo Art Museum and the Doce Museum. In this sense, the interfaces of a creative process developed with the aim of being an educational activity for museums are discussed, so it was necessary to reflect on theories about museum education. As a methodology, bibliographic review, interviews with agents from participating institutions, experimentation practices and classroom debates were used. Both projects were carried out in their entirety, involving about eighty young people from different institutions. Thus enabling an expansion of the performance of the museums involved, as well as dialogue with audiences often distant from them.

**Keywords:** University museums. Education in museums.

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a discutir os processos de criação e a execução de projetos de educação museal<sup>1</sup> para dois museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), o Museu do Doce e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, o MALG. Ambas propostas são pensadas a partir de atividade curricular vinculada ao Curso de Bacharelado em Museologia da mesma Universidade. Para o empreendimento de criação dessas práticas se utilizou da reflexão de outras experiências de ações educativas no âmbito de museus, sobretudo a partir da experimentação de materiais didáticos produzidos para estes fins por diversos museus, estes pertencentes ao acervo do Laboratório de Educação para o Patrimônio da UFPe.

Estes projetos<sup>2</sup> nascem preocupados com a construção de práticas retroalimentadas pelo arcabouço da educação museal e a partir do uso da cultura material, aqui compreendida por meio de objetos musealizados pertencentes ao acervo da UFPe. Promovendo formas de repensar os bens pertencentes aos acervos dos museus. Para tanto, nessa missão utiliza-se da compreensão de que

a educação museal coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo que contribui para que os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres. Possui também estrutura e organização próprias, que podem relacionar-se com outras realidades que não à específica dos museus, de acordo com os objetivos traçados no seu planejamento. São ações fundamentalmente baseadas no diálogo. Isso inclui o reconhecimento do patrimônio musealizado, sua apropriação e a reflexão sobre sua história, sua composição e sua legitimidade diante dos diversos grupos culturais que compõe a sociedade (IBRAM, p. 74, 2018).

Desta forma, as práticas aqui apresentadas e discutidas buscaram propiciar novos conhecimentos, vivências e relações entre um público específico, e o legado material de um passado próximo. Provocados em pensar o lugar que nossas coisas ocupam no mundo, fossem elas atuais ou de outros tempos, sendo possível desenvolver por meio delas leituras diversas localizadas no agora. Além disso, os projetos foram pensados para fazer refletir as dinâmicas do

1 “O termo vem sendo usado por vários autores para se referir ao conjunto de práticas e reflexões concernentes ao ato educativo e suas interfaces com o campo dos museus” IBRAM, Caderno da Política Nacional de Educação Museal, 2018.

2 Os projetos aqui mencionados foram construídos e levados a cabo pelos discentes Aline Regiane de Jesus Mota, Amanda Ferreira Gonçalves, Carolina Gomes Nogueira, Marina Monteiro Nascimento, Miriã Manuel da Mota, Lisiane Pereira Gastal, Lucas Moura Barboza e Adrieli Corrêa Terra, Cristina Medeiros Schumalfuss, Carliston Lima Ribeiro, Danilo Amparo Rangel, Thiago Barwaldt Cardozo.

museu e seus diferentes contextos para com seus diversos públicos, explorando o potencial cultural e educativo de seus acervos.

Ambas propostas foram desenvolvidas dentro da disciplina de Ação Cultural e Educação em Museus I, e formalmente aplicados em Ação Cultural e Educação em Museus II. Os dois projetos foram criados com a intenção de atender um público infanto-juvenil, um deles dedicado a uma Escola Municipal e o outro a um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). O processo de concepção utilizou de revisão bibliográfica, encontros formais com interlocutores, seja dos museus ou das escolas e centros de assistência social, e debates em sala de aula, conforme apresentaremos no decorrer deste texto.

Nessa perspectiva, as instituições que participaram e cederam espaço para a execução dos projetos estão ligadas a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas e integram o circuito turístico e cultural da cidade de Pelotas, sendo elas o Museu do Doce e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

O Museu do Doce é um órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas, e trata de salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas e da região, e está situado no coração do centro histórico da cidade, no entorno de sua principal praça, a Coronel Pedro Osório, em um casarão de estilo eclético, que compõe um conjunto de edificações remanescentes do século XIX. O projeto de ação educativa criado para esta Instituição buscou discutir o próprio casarão do Museu como um artefato arqueológico, utilizando-se sobretudo do seu porão como uma possibilidade de estudo para compreender o funcionamento de processos arqueológicos e museológicos que dizem respeito a percepção dos usos e funções de materialidades, escavadas neste local e em seu entorno, que estariam ligadas ao período escravagista luso-brasileiro.

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, por sua vez, tem por missão a conservação e divulgação da obra do pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo, e a produção e comunicação de conhecimento em artes visuais. Localizado no Largo do Mercado Público Edmar Fetter ocupa o edifício histórico do Liceu Eliseu Maciel também vestígio do século XIX. Este projeto foi criado levando em conta o conceito de museu integral, apresentado na Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), com o principal objetivo de comunicar a obra de Leopoldo Gotuzzo, discutindo a arte e seus desdobramentos para públicos cada vez mais heterogêneos, pensando no acesso a este local cultural localizado em região privilegiada no circuito central da cidade de Pelotas.

Cabe ressaltar que ambas propostas de ação educativa foram construídas visando dialogar com públicos infanto-juvenil e juvenil vinculados à rede de ensino municipal do primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental e, também, ao sistema de assistência social em regiões periféricas da cidade. Para o projeto do Museu do Doce elegeu-se trabalhar com uma escola, cujas turmas têm entre dez e quinze alunos, desenvolvendo a ação com três turmas. No Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo trabalhou-se com públicos de três Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), com turmas de quatro a doze alunos que as frequentam no turno inverso ao de suas escolas.

No que diz respeito aos recursos, os projetos foram apoiados pelos museus, laboratórios, Universidade e iniciativa privada, no sentido da doação de materiais de consumo, do auxílio dos profissionais vinculados a estes locais, e do transporte dos públicos entre as instituições de ensino, assistência social e museus. Também, contou-se com recursos próprios das equipes do curso de bacharelado em museologia para realizar a compra de alguns materiais. As ações foram realizadas entre os meses de abril e junho de 2019, em diferentes formatos, com encontros semanais.

## OS MUSEUS E A EDUCAÇÃO MUSEAL

O Museu do Doce foi criado em 2011 para atender à necessidade de salvaguardar a tradição doceira de Pelotas e região, promovendo pesquisa e divulgando o seu saber fazer. Além disso, sua criação foi resultante de demanda apresentada pela comunidade envolvida com a produção dos tradicionais doces da cidade, que a partir de negociação com órgãos locais e federais, vinculados à cultura e ao patrimônio, garantiu sua instalação em um casarão histórico no centro, nas voltas da principal praça do município (GASTAUD *et al.*, 2014). Assim, no ano de 2013 abriram-se as portas aos públicos da cidade de Pelotas de um Museu universitário dedicado a preservação e a difusão da tradição do saber e fazer do doce pelotense.

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo passa a ser estruturado após a morte do patrono, em 1983, e é através dos esforços da professora Luciana de Araújo Renck Reis, alocada no antigo Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal de Pelotas (DINIZ; MAGALHÃES, 2015), que o Museu é inaugurado em 1986. A sua coleção é composta por obras do artista, doadas à Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), e outras seis coleções. O MALG está ligado ao Centro de Artes (CA) da Universidade Federal de Pelotas, sendo órgão suplementar do CA.

Assim sendo, os dois projetos foram pensados, e posteriormente alinhados, objetivando fazer com que os públicos tivessem a oportunidade de desenvolver e contribuir com uma visão mais alargada das instituições como um todo, pois, as ações educativas em museus são como

[...] uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma ação crítica e abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida desta maneira a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus (BARBOSA *et al.*, 2010, p. 9).

Além disso, considera-se junto ao conceito de educação museal o de educação para o patrimônio de Denise Grinspum que entende ações educativas como

Formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções dos museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade (GRINSPUM, 2000, p. 30).

Conseqüentemente, a ação desenvolvida para o Museu do Doce surgiu a partir da necessidade de se elaborar para os jovens escolares ações voltadas à percepção dos significados dos bens materiais e das possibilidades de interpretação que podem ser realizadas a partir destes. Para isso, essas práticas se alinham para estimular o “desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica.” (MOUTINHO, 2014, p. 423), assim como na busca por impulsionar processos de reconhecimento e participação inseridos na vida em sociedade.

Já as contribuições da Arqueologia, segundo Wichers, servem para lidarmos com as relações sociais de produção, uso e descarte da cultura material, mas sobretudo para refletir a partir de qual arqueologia estamos falando, discutindo a própria noção de patrimônio, seu papel social, sua seleção e produção (WICHERS, 2014) para assim projetar o desenrolar de uma visão crítica a respeito das sociedades das quais fazemos parte e como as coisas são capazes de auxiliar nesse processo, e quem somos nós em meios a essas conformações.

Ao final, os materiais gerados nas atividades foram utilizados em um discurso expositivo no Museu do Doce, possibilitando voz ativa da capacidade criativa e de diálogo com os juvenis,

resultando em devolutiva do trabalho realizado com, para e sobre eles. Além disso, contribuindo para a formação de público para o museu, com a possibilidade de retorno deles junto a seus familiares para visitar a exposição.

A atividade estimulou relações de diálogo entre espaços de educação formal, informal e não formal, propiciando contato com o universo do patrimônio, museus e arqueologia e realizando trabalhos práticos e interpretativos com os jovens.

Para o projeto de ação educativa criado para o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo se planejou algumas formas de socializar o conhecimento através de uma ação que daria ao público acesso integral a experiência do Museu, oportunizando o conhecimento e enriquecendo sua formação cultural. Este projeto pensou a arte como uma prática livre, além de considerar que a interpretação de uma obra de arte é também uma reflexão crítica a respeito de si e da criação do artista. Assim, a arte em seu processo educativo teria como objetivo potencializar o imaginário e a formação do ser humano que, ao conhecer, aprecia e decodifica a obra de arte.

Além disso o projeto foi construído tendo em vista o museu como um lugar que se relaciona com diferentes contextos - como pesquisa, ensino e extensão - e dinâmicas sociais - como a cidade e seus patrimônios, bem como seus diversos públicos- explorando o potencial cultural e educativo que seus acervos carregam, potencializando uma abordagem crítica.

Assim, este projeto constituiu-se a partir do pensamento de Martha Marandino, de que os museus devem ser

[...] identificados como espaços de educação não-formal, essa caracterização busca diferenciá-los das experiências formais de educação, como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais, geralmente associadas ao âmbito da família (MARANDINO, 2008, p. 12).

Para além disso, o contato com instituições culturais de caráter artístico oportuniza a ampliação de conhecimento enriquecendo a formação cultural de cada indivíduo, pois “o conhecimento em arte é um aprendizado que começa na observação de uma obra de arte, da sua leitura e da prática artística” (ARAÚJO, 2018, p. 1). A arte é uma prática livre, e a interpretação da obra de arte pode ser uma reflexão crítica a respeito da criação do artista.

## EXPECTATIVAS DOS MUSEUS

O processo foi iniciado a partir de reuniões com os membros do corpo funcional dos museus envolvidos. No Museu do Doce, representado por seu Diretor e Museólogo. Nesta etapa ouviu-se deles o que consideravam como necessidade da Instituição e apresentou-se uma possibilidade de área temática, desenvolvida a partir da arqueologia com a utilização do porão do casarão, espaço que usualmente não integra o circuito expositivo do Museu, mas que com algumas ressalvas possui condições de uso, sobretudo para os objetivos dessa empreitada, voltados ao contato com a terra ali exposta, que por sua vez foi objeto de estudos arqueológicos.

Ambos agentes expuseram que seria importante para o museu que os participantes das ações fizessem parte de um processo de expansão de públicos em potencial desta Instituição, fosse por meio de atividades realizadas posteriormente com familiares ou mesmo de forma espontânea. Identificando assim, uma forte intenção de desenvolver um nicho de público familiar, que pudesse interagir com diferentes atividades dentro deste espaço. Já em relação a temática, concordaram que a arqueologia poderia servir de forma positiva para dar uso, que não expositivo, mas sim para atividades, aos salões do porão.

A conversa com o pessoal do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, possibilitou o encontro com algumas das demandas da Instituição. Em reunião com o setor educativo foi proposta uma ação que debatesse a arte como uma prática humana, e foi a partir deste momento que se passou a discutir a arte e seus desdobramentos, quer dizer, as possibilidades de se fazer, pensar, refletir, e expor arte. Por este motivo determinou-se que para atingir os objetivos da Instituição e os da equipe que seria oportuno cativar um público atípico, que não fosse do espaço geográfico central, mas sim da área periférica da cidade.

## EXPERIMENTAÇÃO E APONTAMENTOS TEÓRICOS

Dentro do Laboratório de Educação para o Patrimônio, o contato com materiais de diversos museus e instituições culturais que tinham como objetivo a realização de ações de educação para o patrimônio com diversos públicos, oportunizou refletir sobre a relação com o contexto em questão, tanto quanto às suas potencialidades, quanto às dificuldades de sua aplicação. Em meio a este processo, se teve acesso a materiais bibliográficos que tinham por objetivo discutir a criação de projetos educativos para museus.

Desta forma, posteriormente a essas análises percebeu-se que projetos devem remeter-se a alguns preceitos básicos que são o alicerce para o entendimento da sua função e sobretudo da maneira como estes se apropriam da esfera simbólica para o desenvolvimento de suas ações (MENESES, 2000). Nesse sentido, acredita-se que os museus, integram um mundo em que se lê a cultura material como parte integrante da ação humana, sendo inerente aos modos de vida e sociabilização humanas, sendo fundamental compreender que o trabalho, a atenção e as atividades desenvolvidas a partir da problematização da cultura material - sem minimizar ou excluir as atuações com a esfera intangível ou até espiritual (MENESES, 2000) - possibilita que várias verdades, narrativas e histórias diferentes possam vir à tona no que está relacionado à forma como encaramos a diversa cultura dos materiais.

Por sua vez, na mesma lógica Meneses (2000) discute a condição de atuação de instituições de memória como pontos de ancoragem para o desenvolvimento ou para o enfrentamento da cultura material, através de outras possibilidades de interpretação, como por meio do estabelecimento do fato museal que, conforme defende Guarnieri (1990), dá-se por meio da relação travada entre homem, objeto e cenário composto por estes elementos.

A partir destes pressupostos é possível criar atividades - sejam exposições ou outras a estas vinculadas - que tenham a capacidade de proporcionar um movimento de compreensão da ação humana sobre o mundo e as coisas, e vice versa. Para que tais ações sejam possibilitadas, segundo Meneses, há de se compreender que essas frentes devem ser desenvolvidas a partir de especificidades (científico-documental, cultural e educacional), que precisam ser trabalhadas para a realização efetiva do trabalho dos museus para que estes não fiquem esvaziados, nem tanto de cultura material, mas sim de sentido, que deverá ser constituído por meio de suas narrativas, com coisas ou sem elas (MENESES, 2000).

Ainda, voltado para as ações com escolas, Meneses (2000) pontua a diferença entre estas e os museus a partir da denúncia do logocentrismo excludente, presente sobretudo na educação da sociedade ocidental, fazendo com que as atividades realizadas em museus, em interlocução com estes sujeitos, sejam similares às desempenhadas em sala de aula, não proporcionando a diferença necessária entre museu e escola.

Uma vez que no âmbito dos museus há de se utilizar amplamente de linguagens simbólicas e não somente escrita e oral, o processo de criação dos projetos foi cuidadosamente pensado a partir dessa diferenciação e com esforço para romper com barreiras historicamente impostas

que colocam os museus como locais tão somente ‘educacionais’ (MENESES, 2000).

Por fim, Meneses (2000) menciona uma grande problemática, que têm relação entre si, correspondente à atuação e as necessidades dos espaços de memória/museais que se reportam a forma como são realizadas as atividades; defende que essas devem ser desenvolvidas por meio, em uso, ou com o apoio da cultura material, dos objetos. Assim sendo primordial seu domínio, no sentido do conhecimento, e da preparação por parte dos profissionais a atuarem nestas esferas, sendo indispensáveis saberes tanto no campo das humanidades, quanto nas áreas científicas e sobretudo da cultura material (2000). Apontamento de fundamental importância, uma vez que as ações previstas no projeto tinham relação direta com materialidades até então não conhecidas pelos agentes que estariam à frente dos projetos.

### PROCESSO DE CRIAÇÃO - DEBATES

Os projetos foram desenvolvidos por meio de fases de aperfeiçoamento, dadas em diversas apresentações do texto às turmas de museólogos em formação e docente responsável pela disciplina referente à escrita e execução destes. Essas atividades possibilitaram diálogo com os pares sobre ideias de formatos de execução para as atividades, e foram responsáveis por diversas modificações e aperfeiçoamentos até a entrega final dos projetos.

Outra fase de modificação e incremento deu-se a partir do contato com as instituições responsáveis pelos juvenis que seriam o foco das ações. Assim, sendo possível discutir e coletar suas expectativas e enquadrar as propostas às realidades dos locais, fosse conceitualmente ou com relação a esfera da prática. Quanto a Escola Municipal, se obteve aprovação imediata, e orientação para tratar dos trâmites para autorização de uso de imagem e sobre as dificuldades de transporte para levar os participantes das ações ao Museu do Doce.

No que corresponde ao processo de negociação para a ação no MALG com os Centros de Referência de Assistência Social, através da Secretaria de Assistência Social, o interesse pela atividade se deu de imediato, uma vez que por ser um lugar de vulnerabilidade social, práticas culturais são raras. Nessa oportunidade os profissionais responsáveis alertaram sobre a localização e a diferença de idade dos participantes, deixando evidente a especificidade das metodologias necessárias, além das apresentadas na proposta inicial do projeto.

### OS PROJETOS

Ao fim deste processo os dois projetos foram enviados aos museus e instituições de ensino e de assistência social. Para a atividade a ser realizada no Museu do Doce foram propostas ações expositivas-dialogadas e de cunho prático, desenvolvidas em quatro encontros, com turmas do 4º e 5º ano de uma Escola Municipal. As atividades se davam na seguinte ordem: o primeiro encontro no ambiente escolar, o segundo no Museu do Doce, novamente na escola e por fim, o último, no museu e centro histórico da cidade.

Ação educativa no Museu do Doce foi nomeada “Arqueologia em Museus, uma leitura do passado no presente”. Para este projeto se desenvolveu um roteiro estruturante para as ações dividido em fases, a primeira referente a ‘sensibilização’ em que se dava o primeiro contato com as crianças e jovens no ambiente de educação formal. Essa atividade inicia-se com apresentação do grupo, tanto dos agentes mediadores quanto dos jovens e professores, oportunizando a criação de um laço com aqueles que estavam participando das ações. Na sequência propõe-se um exercício com o vídeo intitulado “Brincando com o passado no Museu” que trata do universo da arqueologia, possibilitando que se discuta o campo da cultura

material a partir da ilustração criada pelo Museu de Arqueologia da UFMS. Assim, baseados neste exercício questiona-se quais são os imaginários a respeito dos sítios arqueológicos da cidade, como o da Charqueada Santa Bárbara<sup>3</sup>, do porão do Museu do Doce e das cercanias deste, como a Praça Coronel Pedro Osório e outros casarões, que possuem entre outras estratigrafias a cultura material do período escravagista, o recorte temporal em foco em nossas ações.

A ação desta fase encerra-se com a execução de material didático cedido pelo Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPel (LEPAARQ), que diz respeito às formas de se fazer arqueologia, com ilustrações de ações em campo para pintura e objetos pertencentes a cultura material indígena a serem identificados em jogos.

A segunda fase, realizada em encontro posterior foi denominada “O Museu como Artefato” consistindo na visita ao museu observando seu prédio como um artefato arqueológico, e com auxílio de visita dialogada pelos espaços da Instituição. Nesse momento as crianças são estimuladas a pensar a respeito do modo de vida das pessoas que habitaram e que serviram naquele espaço, promovendo uma roda de conversa a respeito de como se vive hoje em comparação ao século XIX. Na sequência os jovens são provocados a refletir acerca da forma como se pode descobrir os hábitos e materiais deste passado, levando-os a uma quadrícula no porão da Instituição, convidando-os a imaginar para que fins servia aquela estrutura, possibilitando conversar com arqueólogos sobre este tema, preparando-os para o exercício de escavação a ser realizado na sequência como forma de perceber nas práticas as formas de pesquisa e de investigação das culturas.

Para isso, foram preparados dois aquários de acrílico de 50x60cm com acervo didático cedido pelo LEPAARQ enterrado em diversas estratigrafias, a ser escavado com instrumentos da lida de campo, visando pensar os processos que aconteceram naquele local e em tantos outros pela cidade. Assim, a experimentação teria como fim demonstrar como são realizadas as etapas do processo de investigação; os cuidados necessários com a integridade física do material recolhido; os registros que devem ser feitos em campo; as possibilidades de leitura e interpretação dessas materialidades; suas funções e apropriações nos contextos de origem; e quais histórias se pode contar através delas na ausência material dos povos que as produziram.

Na terceira fase deu-se a criação de materiais, em sala de aula. Denominada “Produção da exposição”, esta etapa tratou de diferentes aspectos das ações que foram o foco de cada turma. A primeira trabalhou com a reinterpretção das materialidades, ligadas à mimese empregada por pessoas escravizadas a partir do lixo produzido nos locais em que eram mantidos. Assim possibilitou-se a produção de materiais significantes a partir do lixo; a segunda dizia respeito a humanidade e interpretações da vida anterior no continente africano. Fomentando exercícios de imaginação e de escrita, uma vez que pouco se sabe das pessoas que de forma violenta foram retiradas de seus lares e comunidades no continente africano; a terceira e última trabalhava com as dimensões do invisível ligadas ao contato místico das pessoas forçadas ao sincretismo cristão, criando ícones, imagens e referências do que denominamos mundo invisível plotados em um único painel.

Como última fase, se deu o retorno ao museu para visitar uma mostra criada com os materiais por eles produzidos, além de um tour pelos espaços patrimonializados do centro histórico, muitos deles locais que foram escavados e de onde foram retiradas as materialidades

3 Local em que se produzia a carne de charque a partir de mão de obra de pessoas escravizadas, funcionando até meados do final do século XIX. Este local é objeto de pesquisa do projeto Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul, coordenado pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material da UFPel, que auxiliou no planejamento do projeto educativo no Museu do Doce.



que foram utilizadas em nessas ações, além do circuito de museus do local, inclusive o MALG.

A ação educativa desenvolvida no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo foi nomeada “Minha arte no MALG”. Para este projeto criou-se um roteiro que foi utilizado de base para executar a atividade, deste modo, foram estruturados três encontros, cada qual com um objetivo. O primeiro encontro, realizado no CRAS, consistiu em uma apresentação informal dos membros da equipe, dos participantes da atividade e de seus responsáveis, fundamental para que todos conhecessem a atividade que viria a ser desenvolvida no museu. Neste momento a apresentação da Instituição como um espaço cultural e produção artística foi bastante fundamental para a construção de um imaginário, e para fomentar ideias de criatividade e participação de todos os integrantes. Ainda neste encontro se problematizou a arte e seus possíveis desdobramentos, como a arte pode ser desenvolvida com diferentes técnicas e materiais, além de estar em diferentes planos.

O segundo encontro aconteceu no MALG, esta era uma ocasião importante, pois ali se dava o primeiro contato de muitos participantes com o museu, neste momento se propôs que os participantes circulassem livremente dentro da Instituição, para que depois pudessem desenvolver a sua própria arte. Depois de conhecer o museu e a exposição, a atividade a seguir era uma roda de conversa sobre as impressões a respeito do museu, refletindo sobre o que lhes pareceu interessante, o que gostaram ou não gostaram, e quais eram as suas sugestões. No último momento deste segundo encontro a proposta era desenvolver uma obra de arte com os materiais oferecidos pela equipe, como guaches, lápis de cores, argila, colagens e canetinhas para livre utilização.

O terceiro e último encontro aconteceu também nas dependências do museu, neste momento os participantes eram convidados a fazer a curadoria dos trabalhos desenvolvidos no segundo encontro. Esta atividade foi proposta para entender os processos expográficos de um espaço museal, assim como uma das práticas do exercício da profissão do museólogo. A prática possibilitou que os participantes levassem suas famílias para ver o resultado da ação.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ação educativa proposta para o Museu do Doce propiciou que os envolvidos refletissem a respeito do papel que a cultural material cumpre na sociedade ocidental enquadrando os modos de viver a partir dos objetos do passado em relação direta ao contemporâneo, focando em suas formas de representatividade, possibilidades de esquecimento e marginalização.

Desta forma, a partir de exercícios e ações dialogadas, foi possível demonstrar a função de áreas como a arqueologia e a museologia, nas pesquisas que trazem à tona essas materialidades e suas interpretações, assim como as formas de salvaguardá-las em diferentes contextos, bem como suas estratégias de extroversão, descortinando assim os papéis e as subjetividades que permeiam o campo profissional de museólogos, arqueólogos, e demais expertos envolvidos com a pesquisa, interpretação e comunicação destes indicadores.

A presente proposta buscou, sobretudo, interligar o espaço de educação formal (escola) com o ambiente de educação não-formal (Museu do Doce) e o informal (a família dos alunos) no intuito de promover a interação desses três elementos potencializadores para a construção do conhecimento dos participantes, tendo como tema gerador a interpretação dos objetos, sejam aqueles que estão à nossa volta hoje ou aqueles que formam as coleções arqueológicas advindas da escavação de sítios no Museu do Doce e na Charqueada Santa Bárbara.

Este projeto passou por diversos percalços, sobretudo pelas interrupções das atividades por conta de fatores externos, como por exemplo a suspensão das atividades escolares

decretada pela gestão municipal, greves e paralisações ligadas aos protestos contra o corte de verbas da educação e reforma da previdência, até dedetização da escola sem aviso prévio. Nesse sentido, percebeu-se a pertinência de planejar um calendário de atividades com folgas e possibilidades de readequação.

Todavia, no que diz respeito à execução das atividades e aos desafios dados pela ação com as crianças percebeu-se que a chave para o sucesso da ação é oportunizar que sejam eles os criadores e fomentadores de sua própria curiosidade, deixando em suas mãos oportunidades de investigação e de criação. Em alguns momentos os mediadores viram-se retraídos quando percebiam que os alunos não pareciam interessados nas propostas, mas uma aproximação entre os agentes mediadores e eles facilitou a compreensão de que o desinteresse, muitas vezes estava relacionado diretamente com o formato da atividade. Assim, diante desta constatação se pôde transformar a forma de agir, validando assim a execução de uma educação horizontal, conforme defende Paulo Freire (1986), potencializando os saberes e aptidões individuais de cada criança que participou das atividades.

Já a ação educativa para o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo foi uma atividade que se propôs a discutir o conceito de arte, possibilitando conhecer modelos das diversas possibilidades do universo artístico. Se buscou desmistificar o ideário da arte como uma entidade inalcançável e apartada das realidades cotidianas dos públicos, assim como promover um debate reflexivo sobre o papel da Instituição junto à sociedade, incentivando o estreitamento das relações na ação educativa entre público e museu e estimulando o pensamento crítico artístico a partir da percepção de que suas próprias expressões artísticas também são arte.

Por sua vez, a execução da atividade deu a diversos participantes de idades entre seis e quinze anos e aos responsáveis por eles, acesso ao museu. A ação, embora tenha tido percalços, todos solucionados para que fosse aplicada com êxito em três Centros Referência de Assistência Social de localidades diferentes. Nesta proposta se defende o acesso à arte em todos os espaços geográficos, assim como sua existência em todas as paisagens urbanas. A arte oferece reflexões e por este motivo, mas não somente, o único Museu de Arte da cidade de Pelotas deve ser de acesso livre a todos os públicos.

Desta forma, a partir do desenvolvimento de ambas propostas, se percebeu que as ações educativas são uma prática a ser executada pensando os museus como um lugar de conhecimento, de expressão, de criatividade, de elucubrações entre tantas outras possibilidades. Podendo ser pontuada como uma atividade que tem como função aprofundar de forma lúdica, ou não, temas que tenham relação com a missão do museu, assim provocando reflexões acerca da instituição e de temas paralelos com os quais ela trabalha. Neste caso, as ações culturais e educativas são atividades curriculares de ambas as instituições e ambos os projetos foram criados, e executados dentro de laboratórios (leia-se museus universitários e universidade) para um público específico.

Além disso, elas possibilitaram o diálogo entre instituições de ensino formal, de assistência social e museus, fomentando o acesso para cerca de oitenta crianças e adolescentes aos universos do patrimônio, seja arqueológico, seja das artes visuais e plásticas, propiciando que os dois museus ampliassem suas frentes de ação no que diz respeito à educação museal.

Assim, as propostas, como dito anteriormente, foram criadas pensando um público que muitas vezes é colocado às margens do universo patrimonial e artístico. Por isso, foram desenvolvidas paralelamente em diferentes espaços, possibilitando aplicar o conceito interdisciplinar. Nesse sentido, acontecendo de diferentes formas, ora pensando uma estratégia de público, ou até mesmo pensando a demanda do espaço museal.

Defende-se que é fundamental pensar que essas ações geram resultados tanto nos espaços

expositivos como no local em que estão inseridos os participantes, em suas escolas, centros de recreação e afins, portanto estes projetos devem ser desenvolvidos pensando: seus públicos; os resultados que poderiam gerar; e quais os efeitos para os participantes e as instituições envolvidas.

No que diz respeito a alcançar os objetivos, assume-se que as propostas devem estar condizentes com as demandas, para que haja uma retroalimentação por parte das instituições que as fomentam. É necessário considerar de que forma as ações contribuem de fato para comunidade, assim como para com os museus, pensando nas ressonâncias e nas formas de aprendizagem de ambos os lados.

Outro ponto que vale menção sobre o desenvolvimento dessas ações é que são constantemente assombradas pelos riscos da banalização e perda de sentido. Por isso, acredita-se ser este um assunto que merece tremenda atenção, uma vez que a sociedade ocidental da atualidade costuma transformar tudo em show, esvaziando seu sentido, conforme defende Guy Debord (2003) quando define a sociedade do espetáculo.

Percebe-se que as ações educativas podem parecer aos seus participantes tão somente momentos de entretenimento, de saída da rotina ou mesmo como dia de passeio quando se está em museus, por exemplo. Desta forma, se defende que, os trabalhos podem e devem ser caracterizados dessa forma, mas não podem perder-se nesse universo quando dificuldades se apresentam e colocam desafios hercúleos para retornar aos objetivos iniciais. Sendo assim, identifica-se que se faz necessário garantir o envolvimento dos participantes com o tema desenvolvido, qual seja sua complexidade, dentro das vivências, capacidades e habilidades de cada participante, por isso a necessidade de se desenvolver um trabalho próximo, quase íntimo entre os mediadores e os participantes, assim sendo possível observar quais são as formas mais adequadas para se investir e atingir os objetivos iniciais. Por isso, o número de integrantes e o tempo são fundamentais para escapar a banalização, que mal comparada pode ser vista como resultado de um processo industrial, de linha de montagem, sendo necessário desenvolver ações de educação em museus, seguindo a mesma analogia, em ritmos artesanais.

Por fim, essas ações protagonizaram o exercício e o desenvolvimento de uma expertise profissionalizante para a formação no campo dos museus. Assim, a execução destes projetos possibilitou a reflexão acerca de diversos aspectos do campo das ações de educação em museus, como: quais são suas funções; para que e para quem são criadas; como podem ser desenvolvidas; de que formas podem atingir de fato seus objetivos; e como evitar cair na banalização e transformar-se em puro entretenimento, tudo isso buscando constituir ações que visavam a transformação social, preocupando-se em provocar interesse a respeito do universo patrimonial em públicos que geralmente estão à margem dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, as ações educativas foram práticas criadas em primeira instância para o exercício de um saber museológico, considerando as bases do tripé da universidade pública - ensino, pesquisa e extensão. A provocação do ensino que por fim resulta em extensão, permitindo pensar vivências e experiências cotidianas da profissão, assim como as dificuldades e os desafios da educação para o patrimônio. Por fim resultando em um instrumento de transformação social e valorização dos patrimônios.

No Museu do Doce, se optou por discutir a cultura material, a partir de seus usos e representações, sob o arcabouço da arqueologia, problematizando o passado no presente. Inclusive como uma ferramenta de aproximação com as realidades dos participantes. Para o

caso do MALG, se propôs repensar a arte e suas diversas possibilidades, como arte na rua, arte nos museus, arte na composição musical ou até mesmo as sete formas “conceituais da arte”. Contudo acabou-se por focar na arte visual e plástica, mas sempre debatendo a arte e seus desdobramentos.

Neste cenário, os museus universitários desempenham importante papel na sociedade, por serem um “fenômeno social”, que colabora para ensino, pesquisa e extensão. Muitas vezes são instituições criadas a partir de coleções doadas à Universidade, essa tipologia de museu tem a excêntrica característica de estar associada a diferentes departamentos da Instituição de ensino, como Instituto de Ciências Humanas e Centro de Artes, fato que resulta em diferentes formas de se pensar sua própria existência e atuação. Neste trabalho tratou-se de instituições de duas tipologias distintas, sendo o Museu do Doce um museu histórico e MALG um museu de arte. Ambas instituições foram atenciosas às demandas, possibilitando que os projetos tivessem êxito, consolidando uma estrutura de correspondência entre instituições, o que por si só já demonstra aproximação entre ensino e extensão. Cabe ressaltar que a participação do setor educativo de ambos museus foi fundamental para execução das práticas, assim como a captação de recursos e os espaços cedidos. Outro ponto de crucial atenção deu-se a partir da dedicação às demandas das instituições, fossem os museus, as escolas e os centros de referência, no sentido de que foi necessário compreender quais eram suas realidades de atuação e possibilidades de participação, o que resultou em projetos próximos da realidade e exequíveis, distintos de propostas criadas tão somente em gabinetes.

A proposta de criação da ação educativa possibilitou um importante exercício profissionalizante para museólogos em formação. Ainda que tenha acontecido no âmbito acadêmico, o ato de criação e aplicação permitiu extrapolar os muros da universidade, em movimento de busca de novos públicos.

Assim, os projetos aqui apresentados buscaram em sua gênese sair do óbvio, ou seja, arriscar na tentativa de criar atividades constituídas a partir de outras bases, aproveitando-se o tema gerador das instituições para se discutir questões consideradas relevantes e com viés crítico a respeito da forma como se encara o passado e sua cultura material e das formas de percepção e ação relacionadas ao universo da arte. Nesse sentido, aproximando-se demasiado das discussões propostas pela ‘museologia do social’, defendida por tantos como Mario Moutinho (2014), estando vinculado a processos de reflexão acerca de padrões e ideias hegemônicas, utilizando assim dos saberes e métodos do campo da educação para o patrimônio.

Por fim, defende-se a democratização do acesso e a abertura das instituições cada vez mais a grupos que não participam dos circuitos em que essas estão localizadas, sendo fundamental que as ações de educação para o patrimônio sejam pensadas e desenvolvidas a partir desta ótica, possibilitando assim que os museus marquem e tenham atuação em locais e comunidades não vinculadas a seu entorno, indo assim ao encontro delas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Neilia Marcelina; OLIVEIRA, Anna Luiza Barcellos de; TICLE, Maria Letícia Silva. **Ação educativa em museus**: caderno 04. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus de Minas Gerais, 2010. Disponível em: [http://www.cultura.mg.gov.br/images/2015/Sumav/miolo\\_acao\\_educativa\\_2.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/images/2015/Sumav/miolo_acao_educativa_2.pdf). Acesso em: 19 maio 2020.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Introdução. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 20, n. 20, p. 17-32, 2003. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/37>. Acesso em: 19 maio 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Ebooks Brasil, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao\\_pratica\\_liberdade.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf). Acesso em: 19 maio 2020.

GASTAUD, Carla *et al.* Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPel (Universidade Federal de Pelotas). **Revista Expressa Extensão**, Pelotas, v. 19, n. 2, p. 91-105, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4954>. Acesso em: 19 maio 2020.

GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio**: museu de arte e escola: responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: [http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20patrim%C3%B3nio%20GRINSPUM\\_D.pdf](http://repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20para%20patrim%C3%B3nio%20GRINSPUM_D.pdf). Acesso em: 19 maio 2020.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos de Museologia: IBPC**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 10, 1990.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: Geenf-FEUSP, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/68574035-Martha-marandino-org-educacao-em-museus-a-mediacao-em-foco.html>. Acesso em: 19 maio 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação**, Porto Alegre, p. 91-101, jan./jul. 2000. Disponível em: [https://repositorio.usp.br/single.php?\\_id=001086192&locale=en\\_US](https://repositorio.usp.br/single.php?_id=001086192&locale=en_US). Acesso em: 19 maio 2020.

MESA REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, 1972. **A memória do pensamento museológico contemporâneo**. In: COMITÊ BRASILEIRO DO ICOM, 1995. p. 17 –25. Disponível em: [http://www.minomicom.net/\\_old/signud/DOC%20PDF/199500504.pdf](http://www.minomicom.net/_old/signud/DOC%20PDF/199500504.pdf). Acesso em: 19 maio 2020.

MOUTINHO, Mário. Definição evolutiva da sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 27, n. 41, p. 423-427, 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2617>. Acesso em: 19 maio 2020.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UFMS. **Muarq**: brincando com o passado no museu. 8min25, 1080p HD. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=27K6PWmbF-M>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO. **Missão**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/malg/sobre-o-museu/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

MUSEU DO DOCE. **Missão**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

WICHERS, Camila. Dois enquadramentos, um mesmo problema: os desafios da relação entre museus, sociedade e patrimônio arqueológico. **Revista de Arqueologia**, Florianópolis, v. 26/27, n. 2/1, p. 16-39, 2013. Disponível em: [https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2019/03/9.-camila-wichers\\_2014.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2019/03/9.-camila-wichers_2014.pdf). Acesso em: 19 maio 2020.

**Data de recebimento:** 20/05/20

**Data de aceite para publicação:** 29/06/20